

Depois do jantar, Davi voltou para o seu quarto. Puxou a camisa e se posicionou em frente ao espelho, querendo ver o Sandevistan que tinha acabado de instalar. Era seu primeiro implante cibernético, e ainda por cima um modelo militar avançado — Davi estava empolgado. De peito aberto diante do espelho, virou o corpo e... — ... — ??? — !!! — Lin Wen, Lin Wen! — Você... você desenhou um rabicho na minha costa com uma faca, é isso?! CAPÍTULO 31: Deixa a irmã dar uma olhada Tarde, Distrito de Watson. Lin Wen levou Davi para a parte mais ao norte de Night City. A região era lotada, com acompanhantes se oferecendo nas ruas e barraquinhas de comida rodeadas por todo tipo de gente. Animado, Davi seguiu Lin Wen com curiosidade, pisando na área classificada como "extremamente perigosa" pela NCPD. Tatuagens, implantes, exoesqueletos — em Watson, equipamentos cibernéticos, dos mais simples aos top de linha, estavam por toda parte. Mesmo sendo um bairro pobre e perigoso, não faltavam carros de luxo nas avenidas. — Chegamos, Davi. Eles pararam em frente a uma boate. Davi olhou para o local e perguntou: — Aqui é o Afterlife? — Isso mesmo. Um lugar onde até entrar já é difícil para um zé-ninguém — respondeu Lin Wen, adentrando o local. Mas enquanto ele passou direto, os seguranças barraram Davi. — Alto lá! — um homem de óculos escuros, carregando uma submetralhadora, olhou para Davi. — Scanner indica que é sua primeira vez no Afterlife. Com quem você veio? Espera... foi com ele? — Sim, estou com ele — Davi confirmou, acenando rápido. — Ele não tem direito de traçar ninguém pra dentro. Nem ele entraria se não fosse com alguém — o segurança analisou Lin Wen com desdém: corpo totalmente original, um neural antiquado... Que porra de sobrevivente era esse? Esse tipo de interface era de décadas atrás! Desconfiado, o segurança ficou em alerta. Um veterano desses, com décadas de experiência, provavelmente era um ex-militar. — Ei, Schalk, eles estão comigo. Deixa entrar — um homem enorme, usando óculos escuros, surgiu. Seus braços e pernas eram equipamentos cibernéticos massivos, fazendo-o parecer um tanque humano. — Irmão Manoel! — Davi cumprimentou, animado. Já o tinha visto antes, e Manoel era exatamente como Davi imaginava um mercenário cyberpunk: descolado, generoso, bebendo quando tinha grana e correndo atrás de contratos quando não tinha. Uma lenda nas ruas. — Manoel, esses dois são seus? — Isso, são meus — Manoel deu um tapa nas costas de Schalk e riu. — Só vou levá-los pra tomar umas e conhecer o lugar. Relaxa, Schalk, isso aqui é o Afterlife. Ninguém vai arranjar confusão no território da Rogue. Schalk hesitou, mas acabou liberando a passagem de Davi, advertindo: — Se comporta aí, pivete. Esse lugar não é como os outros que você frequenta. — Tá sussa, eu cuido dos meus — Manoel riu, apertando o ombro do segurança novamente. Schalk, você não faz ideia com quem estava falando... Pivete? Até a Rogue pensaria duas vezes antes de falar assim com esse cara! Dentro do Afterlife, mesmo de tarde, já tinha bastante gente. As atenções se viraram para Lin Wen e Davi assim que entraram com Manoel. — Eu sou "seu"? — Lin Wen perguntou, acompanhando Manoel com um sorriso. — Pra evitar dor de cabeça. Além do mais, nesse contrato, quem manda sou eu — Manoel encolheu os ombros. — Mas, sério, Lin Wen, vai levar o Davi mesmo? Peguei esse trabalho porque você topou. Segundo a Kiwi, o local tem pelo menos 40 caras, todos armados até os dentes. — Não subestima o Davi — Lin Wen respondeu, balançando a cabeça. — Não é isso, o moleque é bacana. Mas o primeiro trabalho dele já ser tão pesado... Não vai dar ruim? — Se der, ele escapa antes de vocês. Instalei um Sandevistan nele. Se apertar, ele dá no pé mais rápido que qualquer um — Lin Wen riu. — Caramba, você colocou mesmo? — Manoel olhou para Davi, que parecia perdido dentro do clube. O garoto era verde em tudo, literalmente. — Ele aguenta? — Quantas vezes você consegue usar o Sandevistan num dia? — Sem inibidores, umas quatro. Tenho muitos implantes. Com inibidores, chego a oito, talvez? — Manoel respondeu. — Davi é mais resistente. Sabe quantas vezes ele aguenta? Mais de dez. — O quê?! Tá de sacanagem?! — Manoel parou, gritando. Vários olhares se voltaram para eles. Rapidamente, ele acenou, pedindo desculpas: — Foi mal, foi mal, continuem bebendo. — Fala baixo, Manoel! — Quase me faz cagar nas calças! Como resolve? — Puta que pariu! — Manoel resmungou. — A bebida de hoje é por minha conta, então! — Boa! Valeu, Manoel! — O Manoel tá pagando a rodada! — Vai se foder! — Manoel jogou para o cara, mas acenou para o bartender, confirmando. — Você tá falando sério? — Vi com meus próprios olhos ontem — Lin Wen encarou Manoel. — Pareço palhaço pra você? — Não... — Manoel concordou. Olhando para Davi, suspirou impressionado: —

Moleque do caraio... mais de dez vezes...Quando entraram no camarote, o resto da equipe de Manoel já estava lá — três hackers, um técnico, três combatentes e um motorista especializado.— O que é essa criança? — Lin Wen entrou e olhou para a pequena figura sentada entre Kiwi e Sasha, no meio da sala, antes de virar para Mann. — A sua equipe recruta crianças agora?— Criança, o caramba! Seu filho da— Mmmf! Rebecca explodiu ao ser chamada de criança, pulando sobre a mesa de vidro e apontando para Lin Wen, pronta para soltar uma série de impropérios. Só não continuou porque Sasha foi rápida em segurá-la.— Rebecca! — Doriô berrou, pegando a garota nos braços como se fosse um gatinho irritado.— O que foi? Esse babaca me chamou de criança!— Rebecca, mostre respeito. — Mann balançou a cabeça, sério.— Ele... — Rebecca ainda queria protestar, mas a expressão firme de Mann a fez murchar, como um gato derrotado.— O que ela faz aqui? — Lin Wen ignorou completamente a cena. Se fosse ficar bravo com cada insulto em Night City, metade da população já estaria morta por suas mãos. Falar de educação com mercenários? Que piada.— Rebecca, combatente. — Mann apresentou.Lin Wen olhou para Mann, depois para a garota de estatura baixa e rabo-de-cavalo. — Com essas mãozinhas? Ela segura uma arma? Braços originais ainda... Um tiro e os ossos quebram. Combatente? Mann, você tá me zoando?— Seu desgrac— Rebecca levantou a cabeça, mas Doriô cobriu sua boca com um sorriso afiado.David, deslocado, olhava para a sala cheia de fumaça e garrafas, sem saber onde se encaixar. Foi quando uma mão puxou seu braço. Instinto de luta ativado, ele agarrou o pulso e se preparou para um arremesso.— Ei? — Uma voz surpresa ecoou perto de seu ouvido.— Lucy? — David parou, reconhecendo-a.— Você... — Lucy esfregou o pulso, examinando-o. — Vem comigo.David seguiu-a, sob o olhar desprezioso de Lin Wen.Fora da sala, num canto vazio, Lucy encostou-o na parede, ficando na ponta dos pés para encará-lo. Caramba... O garoto tinha crescido. Tão rápido?— Você contou pro Lin Wen e pra Gloria sobre... minha coisa?— Que coisa? — David franziu a testa.— O chip, idiota. — Lucy falou gelada.Seus fios brancos balançaram com o ar-condicionado, esfregando no nariz de David, provocando uma coceira.— Claro que não. Prometi, e cumpro. — Ele manteve o olhar firme.Lucy desviou os olhos após três segundos, resmungando.— O que você tá pensando? Deixou a escola pra virar mercenário? Enlouqueceu?— Não enlouqueci. Já decidi, até implantei os cyberwares. — Ele respondeu.— Cyberwares? — Lucy girou seus ombros, forçando-o a virar de costas.— O que você— O contato macio contra suas costas fez seu coração acelerar.— Fica quieto!O sopro quente de Lucy em sua orelha deixou-a instantaneamente vermelha.— Deixa a irmã mais velha dar uma olhada em você... — Seus olhos brilharam amarelos enquanto escaneava seu corpo.David ficou tenso, estranhando a sensação.— Caramba... caramba! — Lucy murmurou, impressionada.